

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	BA	1	01	09	F50	02
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Mucugê
LOCALIDADE	Mucugê (Sede)
MUNICÍPIO / UF	Mucugê/BA

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Cruzeiros
OUTRAS DENOMINAÇÕES	--
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA Ao longo da pesquisa foram identificados dez cruzeiros na localidade, sendo oito existentes e dois fisicamente extintos.

3. FOTOS**OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.**

Ver Box 4.1.

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

4.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS
Os cruzeiros estão distribuídos no alto da serra que circunda a localidade (Serra do Sincorá) e dentro do limite correspondente ao perímetro urbano da sede do município. A serra que envolve a localidade está inserida na área de preservação ambiental, porém não foi possível precisar se é parte do Parque Nacional da Chapada Diamantina ou do Parque Municipal de Mucugê. Em geral, o termo Cruzeiros é empregado entre os moradores para designar os cruzeiros localizados no alto da serra, em especial aqueles que foram assentados há mais tempo e que ao longo dos anos costumam receber visitas de moradores e visitantes. Através dos dados etnográficos verificamos que Cruzeiros é o termo genérico correntemente utilizado pelos moradores para abarcar os seguintes cruzeiros: Cruzeirão, Cruzeiros dos Garimpeiros, Cruzeiro da Biquinha (é normalmente conhecido por este nome, mas Dona Alba o chama de Cruzeiro da Igreja e Dona Anália de Cruzeiro das Almas), Cruzeiro da Pedra da Letra e o Cruzeiro dos Cachaceiros. Além destes, na localidade há o Cruzeiro da Igreja (localizado no adro da Igreja Matriz), o Cruzeiro do Cemitério e o Cruzeiro de Mirinha. Há muitos anos que cruzeiro da Rua do Cruzeiro e o Cruzeiro do Campo do Campo Centenário (ou Cruzeiro do Centenário ou Cruzeiro Campo Centenário) foi fisicamente extinto. Entre os Cruzeiros, a principal referência é o Cruzeirão. Além de mais alto, e para muitos o mais antigo, este é o mais citado e mais visitado entre os moradores e visitantes.

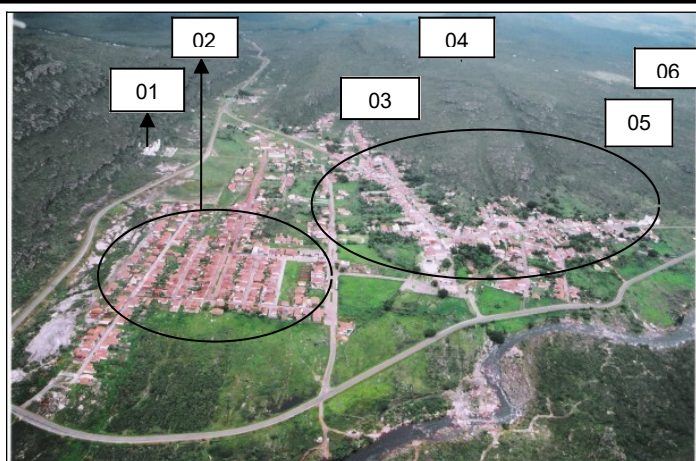
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES**BA****1****01****09****F50****02**

Foto 01. Vista Aérea de Mucugê (F1 A2 1865): (01) indicação aproximada do cemitério; (02) indicação aproximada do bairro Cidade Nova; (03) Indicação aproximada da Igreja Nossa Senhora do Rosário; (04) indicação aproximada do perímetro arquitetônico tombado pelo Iphan (cemitério não incluso); (05) indicação aproximada da Igreja Santa Isabel; (06) indicação aproximada do Rio Mucugê.

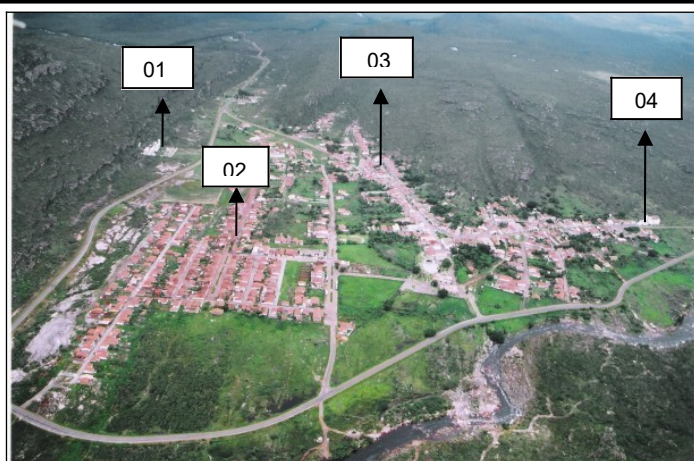


Foto 02. Vista Aérea de Mucugê (F1 A2 1865). Indicações: (01) Cruzeiros assentados na parte baixa do perímetro urbano; (02) Cruzeiro do Cemitério; (03) Cruzeiro Centenário (extinto); (04) Cruzeiro da Rua do Cruzeiro (extinto); (05) Cruzeiro da Igreja Matriz (adro).

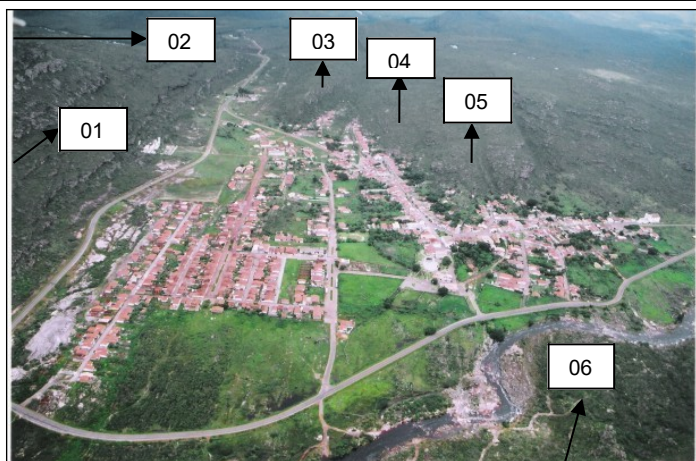


Foto 03. Vista Aérea de Mucugê (F1 A2 1865). Cruzeiros assentados na serra: (01) indicação da localização aproximada do Cruzeiro dos Bêbados. A foto não abarca este cruzeiro; (02) indicação da localização aproximada do Cruzeiro. A foto não abarca este cruzeiro; (03) indicação da localização aproximada do Cruzeiro dos Garimpeiros; (04) indicação da localização aproximada do Cruzeiro de Mirinha; (05) indicação da localização aproximada do Cruzeiro da Biquinha; (06) indicação da localização aproximada do Cruzeiro da Pedra da Letra. A foto não abarca este cruzeiro



Foto 04. Cruzeirão (F1 A2 2064).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES**BA 1 01 09 F50 02**

Foto 05. Indicação aproximada do caminho que dá acesso ao Cruzeiroão (F1 A2 2057).



Foto 06. Caminho que dá acesso ao Cruzeiroão (F1 A2 2062).

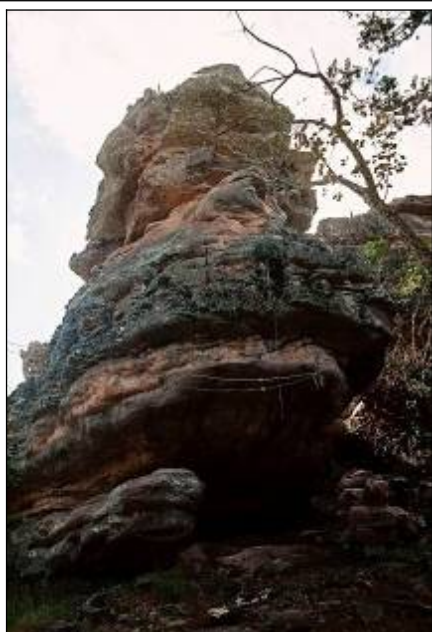


Foto 07. "Lapa de Zé Sacerdote" (F1 A2 2061).

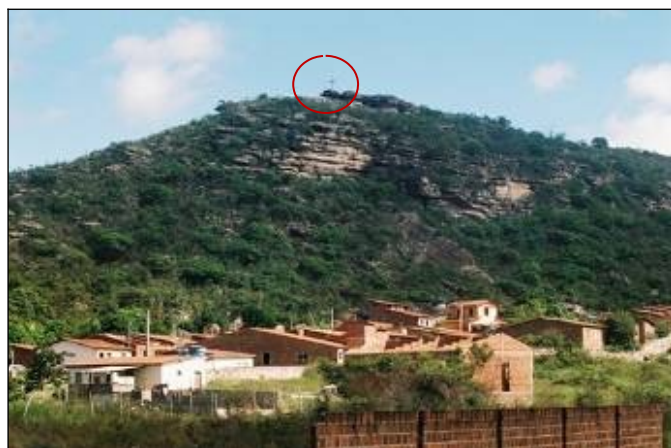


Foto 08. Cruzeiro dos Garimpeiros (F1 A2 2055).



Foto 09. Cruzeiro da Pedra da Letra (F1 A2 2048).



Foto 10. Cruzeiro da Biquinha (F1 A2 2051).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES**BA 1 01 09 F50 02**

Foto 11. Cruzeiro dos Cachaceiros (F1 A2 2050).



Foto 12. Cruzeiro de Mirinha (F1 A2 2053).



Foto 13. Cruzeiro da Igreja Matriz (F1 A2 2039).



Foto 14. Cruzeiro do Cemitério (F1 A2 2058).



Foto 15. Lugar aproximado onde ficava assentado o cruzeiro da Rua do Cruzeiro (F1 A2 2041).



Foto 16. Lugar aproximado onde ficava assentado o Cruzeiro do Campo Centenário (F1 A2 2041).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES**BA****1****01****09****F50****02****4.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS**

A estrutura do cruzeiro é o principal marco edificado.

A localidade se desenvolveu no vale que fica entre as montanhas que formam a Serra do Sincorá. O Cruzeiroão, o Cruzeiro da Biquinha, o Cruzeiro da Pedra da Letra, o Cruzeiro dos Garimpeiros, o Cruzeiro dos Cachaceiros e o Cruzeiro de D. Mirinha estão assentados em pontos localizados no alto desta serra, que também é chamada entre os moradores de “morro”.

No caminho que dá acesso ao Cruzeiroão há uma “toca” natural conhecida como Lapa de Zé Sacerdote. No alto da serra e próximo a Lapa de Zé Sacerdote há uma nascente. No caso em especial do Cruzeiroão nota-se que no modo de dizer dos moradores a referência de lugar é o “o morro” (e este abrange o entorno próximo do lugar onde se encontra assentada a estrutura do cruzeiro e todo o percurso de subida da serra até este). Neste sentido os moradores comumente dizem “subir o Cruzeiroão”, “festa no Cruzeiroão” etc.

Para se ter acesso ao Cruzeiro da Pedra da Letra é necessário atravessar o Rio Mucugê. De acordo com moradores locais o nome Pedra da Pedra decorre do fato de existir próximo a este cruzeiro uma pedra com marcas, “letras”, que foram deixadas por “índios” quando por ali passaram há muitos anos. Ao que tudo indica estas marcas parecem tratar-se de inscrições rupestres. Guiado por um dos agentes culturais a equipe do INRC foi a procura da “pedra da letra”, porém não conseguimos identificar o local da referida pedra.

O extinto Cruzeiro da Rua do Cruzeiro ficava dentro dos limites do perímetro do conjunto arquitetônico tombado pelo Iphan, mais precisamente defronte a Igreja Nossa Senhora do Rosário (sobre esta edificação ver localidade 1 F30 2). Também inserido no contexto do tombamento arquitetônico encontra-se o Cruzeiro do Cemitério (sobre o cemitério ver localidade 1 F30 1) e o Cruzeiro assentado no adro da Igreja Santa Isabel (sobre esta edificação ver localidade 1 F30 3).

O extinto Cruzeiro do Campo Centenário ficava no lugar outrora conhecido como Campo do Centenário (ou Campo Centenário). Com o desenvolvimento urbano da cidade o Campo do Centenário foi urbanizado e neste local se formou o bairro Cidade Nova. Neste lugar encontra-se uma grande concentração de casas e a área está completamente pavimentada. O antigo Campo do Centenário fica fora do perímetro arquitetônico tombado pelo Iphan.

Para visualizar os marcos naturais e/ou edificados ver Box 4.1.

4.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA USOS DIFERENCIADOS

Além do local onde os cruzeiros estão assentados, na pesquisa consideramos os caminhos como parte do espaço. Também procuramos analisar a relação dos espaços com os aspectos urbanos e/ou naturais da localidade (ver Box 4.2 e 5.1).

Os cruzeiros como lugares sagrados: no período da quaresma grupos de Terno das Almas, em especial os ternos liderados por homens, realizavam visitas ao Cruzeiroão e outros cruzeiros. À noite e ao pé dos cruzeiros os grupos rezavam as estações. Outros locais recorrentemente visitados pelos Ternos das Almas eram: cemitério, Igreja Santa Isabel, Igreja Nossa Senhora do Rosário, Capela Santa Rita, hospital, beira de rios e encruzilhadas (sobre o Terno das Almas ver localidade 1 F40 3). Além dos Ternos, outros moradores locais também mantinham a prática da subida aos cruzeiros da serra nos dias da semana santa. Alguns, como o caso do Seu Carlos Machado, subiam vários cruzeiros no mesmo dia e era comum às pessoas carregarem frutas para se alimentarem ao longo do trajeto. Como forma de penitência ou promessa, também ocorria de pessoas carregarem pedra na cabeça ao longo da subida aos cruzeiros, em especial para o Cruzeiroão. Fora do período da semana santa também ocorria de pessoas da localidade e de outros lugares utilizarem os cruzeiros, em especial o Cruzeiroão, como lugar para o pagamento de promessas. As práticas de acender velas e realizar orações ao pé dos cruzeiros também eram recorrentes. Além de depositar velas, as pessoas também costumavam pendurar rosários no Cruzeiro do Cemitério. Isto ocorria no momento de sepultamentos. Os rosários eram retirados dos caixões e depositados no Cruzeiro. Com exceção da prática do depósito do rosário sobre o Cruzeiro do Cemitério, as demais práticas imbuídas de sentido sagrado ainda permanecem, mesmo que de forma esporádica, porém também estão entrando em desuso.

Os cruzeiros como lugares turísticos, de divertimento, de lazer e de esporte: o Cruzeiroão é um dos pontos turísticos de Mucugê. As pessoas são atraídas pela trilha (subida) e pela vista panorâmica da cidade. O local onde está instalado o Cruzeiroão é uma espécie de mirante natural. Deste local é possível avistar toda a cidade. Os moradores locais costumavam subir com frequência os cruzeiros. Em geral as subidas eram realizadas aos domingos e ocorriam ao longo de todo o ano. Estas subidas tinham o sentido de lazer, de divertimento. Os moradores locais também costumavam levar suas visitas para conhecer os cruzeiros, em especial o Cruzeiroão. A prática do “passeio” aos domingos aos cruzeiros ainda permanece, porém com menor frequência de outrora. Para seu Carlos, a caminhada também se caracteriza como um esporte, pois através esta se realiza, também, esforços físicos. Ele diz que nos dias de domingo ele costumava levar suas visitas para passear no Cruzeiroão. Ao chegarem lá eles permaneciam por cerca de uma ou duas horas e retornavam.

Com o crescimento do turismo local vêm-se acentuando o número de visitas por turísticas.

O Cruzeiroão como lugar de festa: nos últimos anos vêm sendo realizados encontros festivos numa “lapa” localizada próxima ao Cruzeiroão. Estas festas são promovidas por um morador local conhecido como Zé Sacerdote e por conta disto este local é conhecido como “Lapa de Zé Sacerdote”. Estas festas também são conhecidas como festas do Cruzeiroão e estas ocorrem no período da semana santa. Em geral, são três dias e três noites contínuos de festa. Nestes encontros os participantes, que são formados basicamente por jovens da localidade, consomem diversos tipos de bebidas, inclusive alcoólicas, e comidas. Músicas emitidas através de aparelhos eletrônicos instalados na “lapa” contribuem para animar a festa. Das casas localizadas no perímetro urbanos da localidade é possível escutar as músicas e os gritos emitidos pelos jovens ao longo dos dias de festa, o que gera reprovação e insatisfação por parte de muitos moradores locais. Estes se sentem incomodados com o barulho provocado. Outro fator de reprovação entre moradores, em especial os mais velhos que se identificam como católicos, é o fato destas festas serem realizadas no período da semana santa. Para os católicos a semana santa é um período de jejum, reflexão e recolhimento e estas festas são motivo de “tensão” entre moradores (outros dados sobre a festa promovida por Zé Sacerdote no Cruzeiroão consultar *levantamento preliminar* F11-3 A3 24).

Sem dúvida, o cruzeiro que era e permanece sendo o mais visitado entre os moradores locais, independente das motivações e sentido, é o Cruzeiroão. Outros cruzeiros que também costumavam receber visitas de moradores locais, mas que ao longo dos anos a procura vem decrescendo, são: Cruzeiro dos Garimpeiros, Cruzeiros da Biquinha, Cruzeiro da Pedra da Letra e Cruzeiros dos Cachaceiros.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	BA	1	01	09	F50	02
--	-----------	----------	-----------	-----------	------------	-----------

5. FORMAÇÃO DO LUGAR

5.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

Origens e motivos: não se sabe qual foi o primeiro cruzeiro erigido na localidade, mas, em geral, acredita-se que tenha sido o Cruzeiro. Também não se tem informação quando isto ocorreu nem o motivo ou a pessoa responsável por seu assentamento. Dona Alba lembra que desde que ela nasceu já existia o cruzeiro da Rua do Cruzeiro e o Cruzeiro do Campo Centenário. Ela diz que nessa época ainda não havia iluminação em Mucugê. Ela se recorda que o primeiro cruzeiro a tomar foi o cruzeiro da Rua do Cruzeiro e alguns anos depois o mesmo ocorreu com o Cruzeiro do Campo Centenário. Ela não tem informações sobre a origem destes cruzeiros. Provavelmente a rua conhecida como Rua do Cruzeiro decorre do fato de no local ter existido um cruzeiro. Nas proximidades do local onde foi erigido o Cruzeiro do Centenário havia um campo de futebol e este era conhecido como Campo Centenário (em geral, os moradores acreditam que o nome deste cruzeiro decorre do nome do lugar onde este encontrava-se assentado). A informante se recorda que naquela área havia, além do cruzeiro, algumas poucas e esparsas casas. Ainda criança, Dona Anália morou com seus pais em uma dessas casas (na época sua mãe já promovia o jarê na "casa de morada"). Dona Anália também se recorda que certa vez o cruzeiro tombou e seu pai foi uma das pessoas que tornou assentá-lo. Era no Campo Centenário onde ocorria a festa de 2 de Julho, uma das maiores que havia na localidade e que há anos foi extinta. As competições de futebol, também há anos extinta, eram também uma forte referência de divertimento no Campo Centenário. Estas disputas atraíam muitas pessoas não só da cidade como de outras localidades. Ao lado da festa de 2 de julho os jogos de futebol do Campo Centenário se encontram presentes de forma bastante expressiva na memória dos moradores mais idosos da localidade. Ainda com relação ao Cruzeiro do Centenário Dona Anália diz que o seu entorno era utilizado como local de sepultamento de crianças. Este "cemitério" era conhecido como "Cemitério dos Pagãos", pois ali eram sepultadas, exclusivamente, crianças que não chegaram a ser batizadas. Ela também chama este cemitério de "Cemitério dos Anjinhos" (a equipe do INRC foi até o local com Dona Anália onde, segundo a informante, havia o cruzeiro e o cemitério. Na ocasião foram realizados registros fotográficos pela fotógrafa da equipe. Com exceção de Anália, nenhum outro morador sobre informar sobre a existência de um cemitério no local). O Cruzeiro do Centenário era um dos cruzeiros visitados pelo Terno das Almas liderado por Dona Anália. Assim como os demais, ela diz que as pessoas costumavam realizar rezas no local e acender velas. Dona Alba diz que o cruzeiro da Rua do Cruzeiro e o Cruzeiro do Centenário tinham características similares. Ambos eram de madeira e não tinham pilares. Estes cruzeiros ficavam fincados diretamente no chão e, como forma de reforçar a sustentação das respectivas estruturas, pedras ficavam depositadas no entorno da base. Uma peculiaridade destes cruzeiros em relação aos demais é que, segundo Dona Alba, eles eram pintados de vermelho (Dona Anália também se recorda que o Cruzeiro do Centenário era vermelho). Ela diz que o cruzeiro da Rua do Cruzeiro era menor que o Cruzeiro do Centenário, mas que de forma geral ambos se assemelhavam ao cruzeiro que se encontra instalado no adro da Igreja Matriz. Não se sabe a origem do Cruzeiro da Igreja (serra), do Cruzeiro assentado no adro da Igreja e do Cruzeiro do Cemitério. Dona Alba diz que todos estes já existiam quando ela nasceu. Também não se tem informação referente à origem do Cruzeiro. Quando Dona Alba nasceu este cruzeiro já existia. O Cruzeiro era um dos cruzeiros visitados por grupos de Terno das Almas e é o mais conhecido e visitado entre os moradores e visitantes. Este cruzeiro está localizado no ponto mais alto da serra que circunda a localidade e a sua subida é tida entre os moradores como a mais difícil entre os demais cruzeiros. O acesso ao Cruzeiro se dá por um estreito e íngreme caminho. De forma aproximada podemos dizer que o Cruzeiro encontra-se verticalmente alinhado com o cemitério, este fica localizado no sopé da serra e aquele no topo da mesma. O caminho que dá acesso ao Cruzeiro passa pelo lado direito do cemitério, margeando-o. Quando a Dona Alba nasceu já havia o Cruzeiro dos Garimpeiros. Ela diz que foram os garimpeiros que o assentaram e por conta disto é conhecido por todos como Cruzeiros dos Garimpeiros. Ela não soube fornecer outras informações referentes à sua origem e foram poucas as visitas que ela fez a este cruzeiro ao longo da vida. Dona Alba diz que este é um dos cruzeiros que costuma receber visitas de moradores não só no período da semana santa, mas também ao longo de todo o ano. Com relação ao Cruzeiro da Pedra da Letra Dona Alba diz que este nome decorre do fato de que nas proximidades deste existir uma pedra em que há letras e desenhos produzidos pelo homem (ela não soube fornecer maiores informações sobre estas marcas e seus possíveis executores). Ela diz que a estrutura deste cruzeiro é feita com madeira e que de forma geral este se assemelha aos demais cruzeiros assentados na localidade. Dona Alba diz que certa vez o Cruzeiro da Pedra da Letra tombou e outro foi erguido no seu lugar. Ela se recorda que antes de implantá-lo o padre foi até o local para fazer o "arretiro". Segundo a informante, antes do assentamento do cruzeiro é necessário fazer o "arretiro" e este procedimento tem por objetivo "afugentar as coisas ruins". O Cruzeiro dos Cachaceiros é conhecido por este nome pelo fato de terem sido os "cachaceiros" que o assentaram (pessoas da localidade que gostavam de consumir bebidas alcoólicas). Ela diz que um dos responsáveis pelo seu assentamento foi Seu Quinquin, que é um morador, ex-garimpeiro e vizinho de Dona Alba. Segundo Seu Quinquin este cruzeiro foi assentado por ele e por Pedro e Everaldo, entre outros moradores. Ele diz que o motivo que levou o grupo a montar o cruzeiro foi "influência do pessoal de participar de alguma coisa". O cruzeiro foi confeccionado defronte a Igreja Matriz e antes de o grupo sair para fazer o assentamento na serra foi feito o "benzimento" pelo padre local. Antes do assentamento, continua a informante, o cruzeiro deve ser "benzido". O Cruzeiro foi transportado pelo grupo para o "morro" ainda "desmontado" e lá a estrutura terminou de ser armada. Um dos motivos para a escolha do local foi o fato de existir no local uma "pedra bonita". Ele diz que o cruzeiro foi feito para ser visitado, porém ele conclui que o lugar escolhido ficou muito distante e por conta disto são poucas as pessoas que costumam subir a serra para vê-lo. O cruzeiro conhecido como Cruzeiro de Mirinha tem esse nome pelo fato de ter sido a Dona Mirinha (moradora local) a responsável pelo seu assentamento. Com relação à motivação que levou Dona Mirinha a assentar o cruzeiro Dona Alba diz que este era um sonho, um desejo antigo que ela alimentava. Sentidos e Transformações: implantação e extinção de cruzeiros ao longo dos anos; introdução de festas na "lapa" próxima ao Cruzeiro; extinção de grupos de Terno das Almas que realizam visitas aos cruzeiros da serra; diminuição do sentido religioso, sagrado, dos cruzeiros entre os moradores locais, em especial entre os mais jovens; implantação de lâmpadas no Cruzeiro. Para ela a implantação das lâmpadas foi de responsabilidade da prefeitura. Com o incremento das lâmpadas o Cruzeiro passou a ficar iluminado praticamente todas as noites; no local onde ficava instalado o cruzeiro da Rua do Cruzeiro não havia calçamento e em época de chuva o lugar ficava completamente coberto por lama. Entre o local onde ficava este cruzeiro foram construídos dois canteiros. O local onde ficava assentado o Cruzeiro do Centenário foi completamente pavimentado. Como dito, com o desenvolvimento urbano o antigo campo de futebol cedeu lugar ao bairro Cidade Nova.

Outros dados referentes aos sentidos atribuídos ver Box 4.3 e 5.2.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	BA	1	01	09	F50	02
--	-----------	----------	-----------	-----------	------------	-----------

5.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Dona Alba diz que as pessoas que saíam visitando os cruzeiros na semana santa normalmente seguiam o seguinte roteiro: subida ao Cruzeiro, subida ao Cruzeiro dos Garimpeiros, subida ao Cruzeiro da Pedra da Letra e por fim o trajeto era encerrado na Igreja Matriz. Em geral estes cruzeiros eram visitados em um único dia. Ela também se recorda de pessoas que, movidas pela fé, costumavam subir o Cruzeiro na semana santa carregando pedras na cabeça. Esta prática se constituía como uma forma de penitência ou pagamento de promessas. Ela diz que já viu muitas pessoas subirem os cruzeiros por promessa, mas que ela mesma nunca soube de nenhum caso de graça alcançada.

Seu Carlos diz que começou a subir o Cruzeiro não por fé, mas por "influência de companheiros". Como forma de não associar a sua subida estritamente a questão de fé ele diz: "fé nós todos nós temos. Mas muitas vezes não era fé do cruzeiro que me levava, era influência dos amigos e conhecidos". Ele se recorda que na sexta-feira da paixão ele e outras pessoas subiam o Cruzeiro às 08h00min. Quando retornavam eles almoçavam e no turno da tarde saíam novamente para visitar, aproximadamente, mais quatro cruzeiros, todos localizados no alto da serra que circunda a localidade. Seu Carlos diz que o Cruzeiro era o "mais pesado" (mais alto) e por conta disto a subida era feita logo no turno da manhã. Ele diz que ao chegar ao cruzeiro ele "não fazia nada. Só ficava olhando [...] Chegava lá era só benzer o cruzeiro e pronto. Ficava por lá prozando. Levava frutas, levava essas coisas... E lá chupava laranja, lima... Essas coisas... Doces... Lá em cima mesmo tem água pertinho do cruzeiro". Além de laranja e lima as pessoas também costumavam levar na caminhada banana e maçã. Ele diz que as pessoas não levam bebidas, ao contrário do que ocorre hoje na Lapa de Zé Sacerdote. No turno ele Seu Carlos seguia para visitar o cruzeiro localizado do outro lado do rio Mucugê (cruzeiro conhecido pelos moradores como Cruzeiro da Pedra da Letra) e o Cruzeiro da Biquinha, entre outros. Ele diz que ao longo da vida ele já subiu mais de quarenta vezes até o Cruzeiro no período da semana santa.

Dona Alba se recorda que em época de seca os homens, as mulheres e as crianças costumavam sair em grupos carregando garrafas com água e rezando. Nesse sentido ela diz que "quem tivesse fé ia junto". A água transportada era despejada ao redor dos cruzeiros e das igrejas. Através desta prática rogava-se por intercessão divina para que voltasse a chover na localidade. Nesse sentido ela diz: "Prece pra chover. Aí todo mundo ia rezando e pedindo chuva". Dona Alba completa dizendo que as preces faziam efeito, pois logo chovia. Há muito anos que esta prática entrou em desuso na localidade e ela diz que isto decorre do fato de nunca mais ter ocorrido períodos de secas rigorosas como ocorria outrora. Ela diz que houve época em que a escassez de chuva chegou a se estender por um período de seis meses. Ela se recorda nesses períodos de seca as pessoas costumavam subir a serra à noite para pegar água em uma cacimba. Ela diz que a razão de muitos irem à noite pegar era o fato de que o fluxo de pessoas em busca da água era muito intenso. Nesse movimento, ela diz que ao passarem pelo cruzeiro da Rua do Cruzeiro as pessoas costumavam fazer a "reverência". A "reverência" compreendia, basicamente, o sinal da cruz e uma insinuação de ajoelhação.

Na localidade havia um grupo de Terno das Almas que era liderado por um morador local, há anos falecido, conhecido como Capitão Zé Pedro. Formado só por homens, este grupo costumava visitar, entre outros lugares, o Cruzeiro e o Cruzeiro do Centenário. As visitas eram realizadas na quaresma e ocorriam no turno da noite. Dona Alba se recorda que havia grupos de Terno que visitavam o cruzeiro instalado no adro da Igreja Matriz. Havia grupos de Terno que rezavam sete estações (paradas para a realização das orações e das lamentações) e ela diz que este cruzeiro era em geral o local escolhido para a realização da derradeira estação. Além dos cruzeiros, da Igreja Matriz, da Igreja Nossa Senhora do Rosário e do cemitério, ela diz que os grupos de Terno das Almas também costumavam visitar outros locais situados fora do perímetro urbano da localidade. Seu Carlos também se recorda de um grupo de Terno das Almas que era formado só por homens e era liderado pelo Capitão Zé Pedro. Ela também diz que este grupo subia o Cruzeiro para rezar no período da quaresma e da cidade as pessoas podiam acompanhar a subida do grupo. Segundo Seu Carlos, em decorrência a dificuldade de acesso o Terno de D. Nenzinha, sua esposa, não subia os cruzeiros (está se referindo aos cruzeiros assentados na serra). Ele diz que, ao contrário dos homens, as mulheres não "agüentavam" fazer o percurso dos cruzeiros à noite. Dona Anália diz que o seu Terno, que era formado basicamente por mulheres, costumava subir o Cruzeiro. Como Dona Alba, ela diz que era bonito acompanhar da cidade a subida de Ternos ao Cruzeiro à noite. De longe era possível ver o cortejo "alvinho" subindo o "morro".

Certa vez Dona Alba decidiu subir o Cruzeiro da Pedra da Letra. Era no período da semana santa e era a primeira vez que ela subia neste cruzeiro. Ela se recorda que com a chuva, que era comum nesse período, houve o aumento do volume de água do rio Mucugê, o que impossibilitou o seu regresso à cidade. Depois deste episódio ela diz que ficou com receio e nunca mais voltou a subir neste cruzeiro.

O Cruzeiro de Mirinha vem gerando polêmica na cidade. A Dona Mirinha é identificada entre os moradores como "crente" e o fato dela ter assentando o cruzeiro gerou estranhamento entre muitos moradores locais. Para eles, a orientação religiosa de Dona Mirinha é incompatível com o culto aos cruzeiros. É justamente por conta disto que, segundo moradores, Dona Mirinha não deseja que ninguém na cidade saiba que foi ela a responsável pelo assentamento do cruzeiro. Antes de "converter-se" Dona Mirinha era identificada como uma pessoa que tinha envolvimento com o catolicismo e com o jarê. Ainda de acordo com informantes, no Cruzeiro de Mirinha não foi feito o "arretiro" e quando as pessoas da localidade se deram conta este já se encontrava assentado. A equipe do INRC não realizou entrevista com Dona Mirinha, já que, segundo moradores, além de não querer ser identificada como responsável pelo assentamento do cruzeiro ela se recusa a falar sobre o assunto.

5.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Primeira metade do século XX.	Há muitos anos foi extinto o cruzeiro da Rua do Cruzeiro e anos depois o Cruzeiro do Campo Centenário (não foi possível precisar datas, mas de acordo com Dona Alba Paraguassú isso ocorreu quando ela ainda era criança. Atualmente a informante encontra-se com 80 anos de idade).
Primeira metade do século XX.	Tombamento e restabelecimento do Cruzeiro do Campo Centenário (de acordo com D. Anália isso ocorreu quando ela ainda era criança. Dona Anália encontra-se com 89 anos de idade).
Primeira metade do século XX.	Implantação do Cruzeiro da Pedra da Letra (Dona Alba diz que isto ocorreu quando ela tinha aproximadamente 15 anos de idade).
Não foi possível precisar ou estimar.	O Cruzeiro da Pedra da Letra tombou e outro foi assentando no lugar (esta informação foi fornecida por D. Alba, mas ela não soube indicar uma data aproximada).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	BA	1	01	09	F50	02
--	-----------	----------	-----------	-----------	------------	-----------

Segunda metade do século XX	Segundo Seu Quiquin, o Cruzeiro dos Cachaceiros foi assentado há mais de 20 anos (como dito, Seu Quinquin foi um dos responsáveis pelo assentamento deste cruzeiro).
Não foi possível precisar ou estimar.	Calçamento da Rua do Cruzeiro. Também foram feitos canteiros próximo ao local onde ficava assentado o cruzeiro da Rua do Cruzeiro (sem data).
Década de 1990	Surgimento do bairro Cidade Nova e calçamento do local onde ficava instalado o Cruzeiro do Campo Centenário. Isto ocorreu por volta da década de 1990.
Não foi possível precisar ou estimar.	Há alguns anos começaram a ser realizadas festas no Cruzeiroão.
Não foi possível precisar ou estimar.	Implantação de lâmpadas no Cruzeiroão (não foi possível precisar quando isto ocorreu, mas de acordo com Dona Alba não faz muitos anos).
Entre 2007 e 2008.	Há aproximadamente um ou dois anos foi assentado o Cruzeiro de Mirinha.

6. USOS ATUAIS

6.1. USOS COTIDIANOS
Ver Box. 4.3.

6.2. USOS CERIMONIAIS
Ver Box 4.3.

7. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Terno das Almas	Localidade 1 F40 3
Cemitério	Localidade 1 F30 1
Igreja Nossa Senhora do Rosário	Localidade 1 F30 2
Igreja Santa Isabel	Localidade 1 F30 3

8. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Ver Box 4.1.

9. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

9.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL
SALES, Fernando. Memória de Mucugê. Salvador: EGBA, 1994 (F1-A1 45).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	BA	1	01	09	F50	02
--	-----------	----------	-----------	-----------	------------	-----------

9.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Entrevistas.

Arquivo: Alba Paraguassú_Cruzeiros_08jun2009 (Cd com as gravações anexadas ao relatório final. Registro sem código de audiovisual);

Arquivo: Seu Carlos_Cruzeiros_08jul2008 (Cd com as gravações anexadas ao relatório final. Registro sem código de audiovisual);

Arquivo: Zé Sacerdote_Cruzeirão_27abri2008 (Cd com as gravações anexadas ao relatório final. Registro sem código de audiovisual).

9.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

F1 A2 1758; F1 A2 1759; F1 A2 1760; F1 A2 1761; F1 A2 1762; F1 A2 1763; F1 A2 1764; F1 A2 1765; F1 A2 1766; F1 A2 1767; F1 A2 1768; F1 A2 1769; F1 A2 1770; F1 A2 1771; F1 A2 1772; F1 A2 1773; F1 A2 1774; F1 A2 1775; F1 A2 1776; F1 A2 1777; F1 A2 1778; F1 A2 1779; F1 A2 1780; F1 A2 1781; F1 A2 1782; F1 A2 1783; F1 A2 1784; F1 A2 1785; F1 A2 1786; F1 A2 1787; F1 A2 1788; F1 A2 1789; F1 A2 1790; F1 A2 1791; F1 A2 1792; F1 A2 1793; F1 A2 1794; F1 A2 1795; F1 A2 1796; F1 A2 1797; F1 A2 1798; F1 A2 1799; F1 A2 1800; F1 A2 1801; F1 A2 1802; F1 A2 1803; F1 A2 1804; F1 A2 1805; F1 A2 1806; F1 A2 1807; F1 A2 1865; F1 A2 446; F1 A2 2039; F1 A2 2040; F1 A2 2041; F1 A2 2042; F1 A2 2043; F1 A2 2044; F1 A2 2045; F1 A2 2046; F1 A2 2047; F1 A2 2048; F1 A2 2049; F1 A2 2050; F1 A2 2051; F1 A2 2052; F1 A2 2053; F1 A2 2054; F1 A2 2055; F1 A2 2056; F1 A2 2057; F1 A2 2058; F1 A2 2059; F1 A2 2060; F1 A2 2061; F1 A2 2062; F1 A2 2063; F1 A2 2064.

10. OBSERVAÇÕES**10.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Não recomendamos estudos para complementação da identificação deste bem, pois os dados levantados são, de forma geral, suficientes para a compreensão da importância dos Cruzeiros para a localidade.

10.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Todos os bens mencionados na ficha foram identificados na pesquisa (ver Box 7).

10.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Outros dados referentes aos encontros festivos realizados no Cruzeirão consultar *levantamento preliminar* F11-3 A3 24. No Box 9.2. entrevista em áudio com Zé Sacerdote ver Box 9.2.

11. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Entrevista com Carlos Machado (localidade 1 Q50 01) e entrevista com Alba Paraguassú (localidade 1 Q50 02).		
PESQUISADOR(ES)	Fábio Bandeira; Leandro Max; Lilâne Rêgo; Iêda Marques.		
SUPERVISOR	Ivanirce Wolf, Nalva Santos		
REDATOR	Leandro Max		Data 20 de julho de 2009.
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Fábio Bandeira.		